

A ambiguidade da inteligência artificial na produção científica

The ambiguity of artificial intelligence in scientific production

Lucas Guimarães Bloc¹ |  <https://orcid.org/0000-0002-8528-131X>

Número especial | Fronteiras da Inteligência Artificial: Inovações e Desafios

Editorial

Como Citar

Bloc LG. A ambiguidade da inteligência artificial na produção científica. Rev Científica Integrada 2023, 6(spe):e202324. DOI:
<https://doi.org/10.59464/2359-4632.2023.3147>

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Submetido em: 04/10/2023

Publicado em: 04/10/2023



Lucas Guimarães Bloc

¹Psicólogo, psicoterapeuta e professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Revista Científica Integrada (ISSN 2359-4632)

<https://revistas.unaerp.br/raci>

Vivemos um momento de muitas perguntas que parecem não acompanhar a velocidade em que a inteligência artificial (IA) se desenvolve. Os avanços são imensos e surpreendentes, colocando o ser humano em confronto consigo mesmo ao, por vezes, não ter certeza se realmente são avanços e ao posicioná-lo em certo lugar de vulnerabilidade diante dos riscos e ameaças que, supostamente, a IA poderia representar. Oscila-se entre fascinação e medo, euforia e cautela, esperança e consternação. Aquilo que é tido como avanço, como um passo dado na tecnologia se confronta com o questionamento acerca de suas implicações para a humanidade, sobretudo, quando se evoca a possibilidade de substituição. Trata-se de um caminho sem volta, ou seja, aquilo que a IA tem trazido em seus diferentes cenários parece que veio para ficar.

Diante da diversidade e da amplitude da IA, optei por centrar este editorial na produção científica em saúde. O desenvolvimento das pesquisas exige que o cientista assuma o papel de protagonista, de autor e responsável por aquilo que subscreve. Trata-se de uma centralidade que não pode ser perdida. As ferramentas oriundas de IA devem ser utilizadas como instrumento, como meio e não como fim por elas mesmas. Elas não são, e nem poderiam, ser protagonistas, pois há um ponto de partida que, ainda, parece exigir a presença do pesquisador, seja na construção da própria IA, seja na constituição de um campo de investigação.

Convoca-se ao bom uso da IA, mas o que seria isso? Não se trata de pensá-la como algo que substitui o ser humano, mas que pode potencializar suas ações. Quanto mais assumir uma dimensão substitutiva, mais existirá o risco de se instaurar uma dependência que pode ter como consequência a retirada do lugar de sujeito do pesquisador, seu protagonismo, como mencionado, que eclode na possível desresponsabilização diante daquilo que é produzido. O desafio é também ético e parece nos colocar diante de uma fronteira borrada entre o homem e a IA. Sem limites claros e bem estabelecidos, há uma mistura que tem alterado o modo de se fazer ciência.

Na tentativa de compreender todo esse processo, me inspiro no filósofo francês Maurice Merleau-Ponty que, em meados dos anos 1940, já se questionava acerca dos modos de fazer ciência, uma tarefa que faz parte da tradição fenomenológica. Para o autor, falar de ciência é falar do mundo vivido sobre o qual, inescapadamente, ela se constitui. Para se pensar o rigor científico, seria preciso despertar para experiência do mundo, pois a ciência é, e sempre será, uma expressão segunda, já dizia o filósofo no livro Fenomenologia da Percepção (1945).

A IA altera a experiência de mundo, pode potencializar certas ações e produções, mas não substitui a experiência humana sobre a qual a ciência se debruça. Ela não é inimiga, mas, para que se efetive como aliada, é preciso que seja posicionada de forma clara. É preciso, inclusive, método, para que não se torne uma aliada, não do desenvolvimento de pesquisa, mas da superficialidade, da mediocridade e do pouco rigor que ronda o mundo científico.

Com Merleau-Ponty e sua filosofia ambígua, somos convidados a sair da dicotomia que exigiria aqui uma posição valorativa acerca da AI, ou seja, de uma condição que atribui um sentido dicotômico entre algo favorável ou desfavorável, bom ou ruim para ciência e sua produção. Assumamos a tensão deste lugar indeterminado que impossibilita a demarcação clara entre tais polaridades. As fronteiras não são rígidas e aqui se mostram repletas de armadilhas. Não podemos e, provavelmente, não conseguiremos ficar alheios àquilo que a IA nos interpela e convoca.

Elá também revela o mundo no qual vivemos e sobre o qual a ciência deverá continuar se construindo. Como diria Merleau-Ponty, “Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido”. A IA é parte desse mundo e nos invade na carne do mundo, na nossa coexistência. Para aqueles que se propõem a fazer ciência, de um lado, afirmo, não temos como escapar, pois isso exigiria uma saída desse mundo no qual fazemos parte e sobre o qual a IA se instaura; seria, ingenuamente, tentar alienar-se. Por outro lado, é preciso que estejamos atentos, implicados, para não sucumbir aos limites éticos e aos riscos que a IA traz consigo. O convite à ambiguidade é para que deixemos visões superficiais de lado e fiquemos sempre atentos, ao mesmo tempo, aos encantos e às armadilhas que a IA pode apresentar, pois são dois lados da mesma moeda.

Referências

Merleau-Ponty, M. Fenomenologia da percepção (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Texto original publicado em 1945).

Contribuições dos autores

Bloc LG é responsável pelas ideias e elaboração do texto.

Editor-chefe

José Claudio Garcia Lira Neto

Copyright © 2023 Revista Científica Integrada.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons CC BY. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É a licença mais flexível de todas as licenças disponíveis. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.